

O FUTEBOL “FEMININO”: UMA FERRAMENTA MERCADOLÓGICA DA HETERONORMATIVIDADE¹

Bruna Saurin Silva,

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Mariana Zuaneti Martins,

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

RESUMO

Neste, buscamos compreender como classe e gênero se interseccionam na apropriação do futebol por meninas em um espaço privado. Essa etnografia se construiu a partir de diários de campo das aulas e de entrevistas com oito alunas. Apontamos para a capacidade desses espaços, ordenados pelo mercado, de superar barreiras que afastavam meninas do futebol. Mas, estas seguem sendo interpeladas por questões de gênero marcadas pela adequação de seus corpos a uma heteronormatividade compulsória.

PALAVRAS-CHAVE: Meninas, Futebol, Gênero

INTRODUÇÃO

“Jogue como uma garota”;

“O futebol é delas”.

As frases acima, assim como a afirmação “O futuro do futebol é feminino”, trazida por Sepp Blatter, então presidente da FIFA em 2013, seriam, em um passado recente, impensáveis no cenário futebolístico brasileiro. Isso porque o Brasil, ainda que considerado o país do futebol, insistiu por muito tempo em reservar estes espaços aos homens e em relegar ao ostracismo o futebol de mulheres. A partir fala de Blatter e de uma série de outras movimentações e de regulamentações em direção a uma maior participação e visibilidade das mulheres no Futebol, instaura-se um clima de mudanças na “promoção do futebol de mulheres e das mulheres no futebol” (MARTINS; SILVA, 2020 p. 117), acompanhado por expressões como as que abrem esse texto estampadas e dando o tom da luta pela equidade de gênero dentro dessa modalidade esportiva. A ideia era aumentar o mercado consumidor feminino, o que implicou também na valorização do direito a participação dessas mulheres no

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro do CAPES para sua realização. Código de Financiamento 001

futebol. Como resultado, foi possível ver a ampliação de espaços destinados a iniciação de meninas, aumento do interesse de gestores de escolinhas na modalidade feminina e a diminuição do preconceito acerca da prática de futebol por meninas, o que corroborou para transformar o imaginário de que meninas não jogam. Ao mesmo tempo, o futebol de mulheres ganhou um maior destaque na mídia, impulsionado principalmente pela participação das equipes femininas dos times tradicionais e de marcas patrocinadoras, que passam a investir no público feminino, através de propagandas, comercialização de produtos e difusão de materiais de *marketing* para esse público.

Essa nova “onda de visibilidade” do futebol feminino além de ter sido responsável por criar uma esfera de novas possibilidades, ampliou o alcance desse entre praticantes mulheres. Se antes, as poucas mulheres que se engajavam com a prática eram majoritariamente negras e de rendas mais baixas (MARTINS; SANTOS; VASQUEZ, 2021), atualmente, o futebol parece atingir outras classes sociais. Esse processo abriu um novo nicho de mercado constituindo novos espaços para a prática, diferentes dos populares campos de várzeas. Com o aumento do prestígio e apoio, o futebol “feminino” entra para a *hall* de esportes/atividade física bem quista pela classe média/alta, como mais uma possibilidade de consumo esportivo.

Considerando esse cenário, buscamos compreender como classe e gênero se interseccionaram na apropriação do futebol por meninas de uma escolinha privada dessa modalidade esportiva. Sendo o futebol uma prática social por meio da qual *gênero é feito*, isto é, reiterado a partir de práticas e discursos que contribuem para aquilo que reconhecemos culturalmente como masculino e o feminino, e na mesma medida em que é uma reprodução reiterada, também está sujeita a ambiguidades e “falhas” (BUTLER, 1988), buscamos compreender que sentidos foram mobilizados para o futebol *fazer gênero* nessa escolinha.

MÉTODOS

Esta pesquisa foi construída a partir de uma etnografia, realizada de outubro de 2018 a março de 2021, com meninas de uma escola de futebol em Vitória/ES. O espaço possuía turmas exclusivas para elas e contava com aproximadamente 80 meninas entre 6 e 15 anos. A escolinha investigada estava localizada dentro de um colégio de classe média alta da cidade de Vitória. O *corpus* dessa pesquisa se construiu a partir de registros de diário de campo e de entrevistas semiestruturadas com oito alunas.

DISCUSSÃO

Pertencer a um extrato social privilegiado garantiu às meninas, participantes dessa pesquisa, amplas oportunidades de experienciar o futebol: em estádios, jogos profissionais, clubes e quadras, o que contribuía para a construção de laços acerca dessa modalidade esportiva, assim como as tornava participantes ativas (consumidoras) do *futebol moderno* (D.C 7/11/19). Isso não significou, todavia, que elas não fossem interpeladas por questões de gênero ou o rompimento de todas as barreiras impostas dentro dessa prática. Estes espaços eram privilegiados e seguros, mas de alguma forma vigiados e disciplinados, a partir dos próprios regimentos da escolinha e dos discursos correntes naqueles espaços (D.C 2/10/18). Assim, elas deveriam consumir e fruir do futebol, sem romper com a dinâmica de controle sob seus corpos femininos (ALTMANN, 2009).

Por ser reconhecida socialmente como uma atividade masculina, o futebol foi representado, por muitas décadas, como um espaço de sociabilidade lésbica (PISANI, 2018). Por essa razão, meninas e mulheres que se envolviam com o esporte, frequentemente, tinham sua sexualidade sob suspeita. Afinal, o futebol, como uma instituição generificada, representa-se como espaço privilegiado para uma pedagogia da masculinidade vinculada à virilidade, força, habilidade e agressividade. Quando uma menina incorpora essas características, ela confunde essas fronteiras que separam de forma binária e evidente os gêneros femininos e masculinos. Essa desordem performativa do gênero pode significar inúmeras formas de punições (BUTLER, 1988, p.16).

A fim de suprimir essas desordens e “suspeitas”, a gestão da escolinha buscava normalizar os espaços. Durante os treinos as meninas eram submetidas a um jogo de discursos e práticas que engendravam seus modos de ser, para sustentar uma ideia de futebol “não masculinizante” e de um “feminino” ligado a cor rosa, fragilidade e meiguice. Todavia, essas disputas de poder, visivelmente, atingiam os corpos ali, sendo ao mesmo tempo refratadas e transgredidas (D.C 12/02/19).

Dentro do arcabouço de dispositivos que construíam as feminilidades dessas meninas, os adereços utilizados para os treinos, por exemplo, estabeleciam-se como um aparato de distinção entre meninas e de meninos. Os coletes utilizados nos treinos tinham diversas cores e se destinavam a todas/os. Às meninas eram destinados os de cor rosa, ao passo que, em momento algum, os meninos utilizavam os dessa cor, sendo, portanto, uma das principais

formas de distinção entre eles. Além dos coletes de cor rosa, as meninas utilizavam um modelo de bermuda diferente dos meninos, mais justas do que os de tipo “calção” utilizados pelos meninos (D.C 02/04/19).

Essa diferença de acessórios se ligava a uma necessidade da gestão da escolinha em demarcar os espaços, e evidenciavam a manutenção de uma feminilidade normativa. Essa postura era uma estratégia disciplinar a qual reduzia, de certa forma, as singularidades daqueles espaços, e subestimavam as possibilidades de transgressões de um modelo de feminilidade culturalmente esperada. A distinção era também endossada, com o intuito de convencer pais e mães que ainda acreditavam ou naturalizavam uma suposta diferença sexual entre as possibilidades físicas de meninas e meninos. Assim, quando os familiares assistiam aos treinos, a escolinha reforçava o uso dos coletes cor-de-rosa pelas meninas (D.C 31/10/19).

No entanto, dentro da fluidez performativa de gênero, era possível ver pontos de fuga, nos quais essas meninas eram capazes de construir ambientes que atendiam suas demandas no que tange a participação no futebol, transgredindo e ocupando quadras e campos com os mais diversos tipos de feminilidades, jogando, correndo, driblando e fazendo gols (D.C 26/02/19). Elas também contestavam essas imposições, rechaçavam os coletes de cor rosa, negando-se a utilizá-los, questionavam sua obrigação e ressaltavam não gostar daquela cor. Outra discutiam com o professor para não os usar, jogando com eles na mão ou virando-os do avesso (D.C 12/02/2019). Esse não foi o único caso de contestação a feminilidade normalizada, algumas alunas recusavam-se a jogar com a bermuda justa. Algumas compravam outros modelos de bermudas, ou jogavam com calças.

Para além dos acessórios obrigatórios, as meninas utilizavam seus próprios adereços ligados ao futebol. Elas exibiam suas camisetas de times, suas chuteiras “de marca”, entre outros acessórios ligados ao futebol. Consumir esse tipo de produto, só era possível devido à localização delas em um extrato social facilitador, ao mesmo tempo que utilizar esses produtos nas aulas era uma maneira de se diferenciar das outras, em um espaço que buscava uniformizá-las e também uma forma de construir laços de identidade com o universo tradicional do futebol, que desviava do mundo cor-de-rosa dos coletes da escolinha (D.C 23/10/18).

O uso desses acessórios como forma de demonstração de *status* e de diferenciação mostrou-se ambíguo, pois, ao mesmo tempo que atestava a capacidade dessas meninas de

interagirem dentro do mundo do mercado esportivo, ambiente voltado majoritariamente para o público masculino, revelou a participação delas dentro de uma lógica mercadológica, que dita a participação de um determinado e restrito tipo de corpo no esporte, aquele branco, magro e masculino.

Destaca-se ainda o comportamento de algumas meninas frente às demandas do futebol. Por exemplo, uma delas possuía um porte físico avantajado em relação a suas companheiras, era mais rápida e mais forte do que as outras meninas. Frente a essas diferenças, ela desmerecia seus atributos físicos, tão importantes dentro dessa modalidade esportiva, performatizando uma “feminilidade imposta” através de chutes fracos e ineficazes, de corridas feitas estereotipando delicadeza e declarando “ser ruim”, quando na verdade era visível sua habilidade (D.C 24/09/19). Assumir uma postura “transgressora” parecia gerar nela insegurança, como se não se reconhecesse nas representações sociais estereotipadas de meninas no futebol (não habilidosas), mas também não ousasse se afirmar no outro extremo (habilidosa). Fazendo dos espaços destinados às meninas no futebol uma zona de fronteira, um não lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aprender futebol, neste caso, ainda que tensionasse os sentidos de feminilidade que tentam normalizar comportamentos, estava impregnado de discursos sobre uma heteronormatividade. Ali os espaços eram ambíguos, pois elas precisavam lutar contra essas construções, *desfazer* gênero e viver nesse interstício de não identificação para ocupar esses lugares. As expectativas sociais de classe e gênero também se chocavam com o acesso privilegiado ao esporte, pois acessar plenamente o futebol, significava transgredir normas sociais, de classe e gênero que dizem não às meninas no futebol.

Apontamos para a capacidade desses espaços, marcados por uma ordem de mercado, de superar barreiras que afastavam meninas do futebol. Todavia, ainda que barreiras tenham sido transpostas, as meninas seguiam sendo interpeladas por questões de gênero demarcadas pela adequação de seus corpos dentro de uma heteronormatividade compulsória, na qual o uso do rosa, das roupas mais “femininas”, do discurso sobre delicadeza, conduzia seus modos de aprender e de participarem do futebol. Neste contexto, a prática de tal modalidade tornou-se um espaço privilegiado para ver *gênero sendo feito*, uma vez que viu-se as normas de gênero



impostas, sendo desafiadas, negociadas e transgredidas em um espaço imbuído por questões relacionadas às relações de poder, que é o futebol.

“FEMININE” SOCCER: A MARKET TOOL OF HETERONORMATIVITY

ABSTRACT

In this article, we seek to understand how class and gender intersect in the appropriation of soccer by girls in a private space. This ethnography was constructed from field diaries of classes and interviews with eight girls. We point to the capacity of these spaces, ordered by the market, to overcome barriers that kept girls away from soccer. However, they continue to be questioned by gender issues marked by the adaptation of their bodies to a compulsory heteronormativity.

KEYWORDS: *Girls, Soccer, Gender*

FÚTBOL “FEMENINO”: UNA HERRAMIENTA DE MERCADO DE LA HETERONORMATIVIDAD

RESUMEN

En esto, buscamos comprender cómo clase y género se cruzan en la apropiación del fútbol por niñas en un espacio privado. Ésta etnografía se construyó a partir de diarios de campo y entrevistas con ocho estudiantes. Señalamos la capacidad de estos espacios, ordenados por el mercado, de superar las barreras que alejaban a las niñas del fútbol. Sin embargo, éstas continúan siendo desafiadas por cuestiones de género marcadas por la adecuación de sus cuerpos a una heteronormatividad obligatoria.

PALABRAS CLAVES: *Niñas, Fútbol, Género*

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 175-200, 2009.

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de leituras**, 1988.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S. Do futebol de mulheres às mulheres no futebol: outras identidades e identificações circulantes nos estádios. In: MARTINS, M. Z.; WENETZ I. **O futebol de mulheres no Brasil: desafios para políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2020. p. 117-135.





CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, 2021.

PISANI, M. S. “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia social) - São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

